



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

JESSICA ANDRADE ALMEIDA

POR TRÁS DE UM NINHO DE *MAFAGAFES CHEIOS DE MAFAGAFINHOS*

Itabaiana (SE)

2016

JESSICA ANDRADE ALMEIDA

POR TRÁS DE UM NINHO DE *MAFAGAFES CHEIOS DE MAFAGAFINHOS*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
de Itabaiana da universidade Federal de
Sergipe, *campus* Prof. Alberto Carvalho,
como requisito parcial à obtenção do
título de licenciado em Letras Português.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Ramos

Itabaiana (SE)

Junho de 2016

Almeida, Jessica Andrade.

Por trás de *Um ninho cheio de mafagafes cheio de mafafafinhos* / Jessica Andrade Almeida; orientador (a) Jacqueline Ramos. – Itabaiana, 2016.
34 p.: il.

Inclui bibliografia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Letras português) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Cômico. 2. José Cândido de Carvalho. 3. Malandro. 4. I. Jacqueline Ramos (orient.). II. Universidade Federal de Sergipe. III. Título.

JESSICA ANDRADE ALMEIDA

POR TRÁS DE UM NINHO DE *MAFAGAFES CHEIOS DE MAFAGAFINHOS*

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras Portuês e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras Portugês pela Universidade Federal de Sergipe – Campus Prof. Alberto Carvalho.

Itabaiana, de Junho de 2016,

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jacqueline Ramos
Universidade Federal de Sergipe

Prof. José Costa Almeida
Faculdade São Luis de França

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais e meu marido que foram companheiros em todas as horas, me apoiando e dando força para realizar meu grande sonho de me formar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus que me deu o dom da vida e força na caminhada para lutar e conquistar meus sonhos.

Aos meus pais, Maria do Carmo e Gilson, meu porto seguro, que foram meus maiores professores e exemplos na escola da vida, pelo extraordinário exemplo de amor, luta, dedicação e determinação por sempre estarem ao meu lado apoiando minhas decisões.

Ao querido esposo, Carlinhos, que sempre me apoiou para concluir essa longa caminhada, que fez de meus sonhos seus próprios objetivos e de meus objetivos sua própria luta, sempre me incentivando quando batia o desânimo, aguentando meu estresse, sempre acordado à minha espera quando eu chegava tarde da noite em casa.

As minhas duas irmãs Grasielle e Maria Helena que sempre me alegraram e motivaram, para que esse sonho se realizasse.

Aos amigos e colegas, Juliana, Elisângela, Denise e demais colegas pelo carinho, motivação e respeito à minha decisão: cursar uma licenciatura.

À minha querida orientadora de TCC e PIBIC Prof. Dr. Jacqueline Ramos, que admiro desde o primeiro período do curso, que sempre me ajudou e orientou da melhor forma, sempre paciente e compreensiva. Vou levar seus ensinamentos para o resto da minha vida.

E, por fim, agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação.

Havia um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos.
Bom desmafagador será quem bem os desmafagar.
(Repetir sete vezes sem errar e o rei dará a filha a casar)

TRAVA-LÍNGUA POPULAR

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os aspectos cômicos e a crítica social, presentes na obra literária *Um Ninho de Mafagafes Cheio de Mafagafinhos* do escritor José Cândido de Carvalho; mais especificamente nos contos “Sucuri de letra de forma”, “Se a vida acabou compre outra” e “Herói atolado em carne-seca e lombo de porco”. A fim de identificar os procedimentos cômicos presentes nos contos, nos baseamos em três dos principais estudos teóricos sobre a comicidade, a saber: *O Riso* de Henri Bergson, *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* de Freud e *Formas Simples* de André Jolles. Para Bergson, a comicidade seria o “mecânico calcado no vivo”, ou seja, quando alguém age automaticamente perdendo a própria identidade do ser humano. Ainda para esse autor, o riso tem a função de corrigir desvios sociais. Já para Freud, o cômico seria o alívio de tensões, a vazão de conteúdos reprimidos no inconsciente. Em Jolles, o cômico é o desenlace espirituoso das coisas. Além da análise dos aspectos cômicos, também fizemos uma breve abordagem das personagens nos contos e identificamos a figura do malandro, aquele que através de sua esperteza e astúcia sempre procura dar-se bem sobre os outros, o que nos levou a uma breve comparação dos contos com a atual situação política do Brasil.

Palavras-chave: Cômico; José Cândido de Carvalho; Malandro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 SOBRE O RISO.....	14
1.1 O cômico como ajuste social.....	14
1.2 O riso libertador.....	16
1.3 A ambivalência do cômico.....	19
2 POR TRÁS DOS CONTOS.....	21
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura mostrar os aspectos cômicos presente em *Um ninho de Mafagafes cheio de mafagafinhos* de José Cândido de Carvalho, para isso foi necessário o estudo teórico sobre o riso, a fim de identificar como se constrói o cômico na referida obra. Dessa forma aprofundamos nossos estudos com importantes textos teóricos que falam sobre o tema, entre eles: *O Riso*, de Henri Bergson, *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*, de Freud e *Formas Simples*, de André Jolles.

A literatura é um importante mecanismo na sociedade, ela representa vida, através de sua arte mostra a realidade social. Dessa forma, a literatura tem uma função social, de deixar o registro de um povo, da tradição de uma determinada época. No livro *Um ninho de Mafagafes cheio de mafagafinhos*, José Cândido de Carvalho (JCC) deixa registrado a tradição de um povo, do interior de Campos onde passou parte de sua vida. Era um observador atento da vida, dos hábitos e dos costumes de sua comunidade, e em forma de arte deu expressão a essa cultura.

Apesar de Cândido ter pertencido a Academia Brasileira de Letras, ter excelentes obras e um vasto currículo, seu trabalho é pouco conhecido no meio acadêmico e estudantil. Nascido em 1914 em Campos (RJ), José Cândido de Carvalho foi jornalista, romancista, contista. Filho de uma família pobre de lavradores, imigrantes de Portugal, nunca estudou em escola particular e começou muito cedo a trabalhar. Em entrevista com Maria Aparecida de Deccega (1983), JCC fala um pouco de sua trajetória:

Nunca fui um menino com bolsa de estudos. Trabalhei numa refinação de açúcar e numa torrefação de café. Depois, meu pai montou um negócio do qual fui gerente: uma refinação de açúcar à beira do Paraíba, em Campos. Queria ser funcionário da Leopoldina [empresa ferroviária]. Mas não consegui e fui trabalhar como revisor num jornal que vivia morrendo de fome, lá em Campos. Chamava-se O Liberal. Passei de revisor de O Liberal para fazer umas notas num jornal chamado O Dia, também em Campos. Fui para redator. Para ganhar a vida comecei a escrever. (DECCEGA, 1983, p. 4-5)

JCC, deixou uma obra composta de dois romances, cinco livros de contos, e um livro de crônica. Seu primeiro livro, foi o romance *Olha para o céu, Frederico*, 1939, que assim como a maioria dos livros de Cândido pertence ao regionalismo que procura revelar a vida do povo brasileiro da época, esse romance procura retratar a vida nos engenhos.

Após 25 anos da publicação de seu primeiro livro, lança o romance *O coronel e o lobisomem*, (1964), uma das obras primas da ficção brasileira, com essa obra ganhou vários prêmios como por exemplo: O Jabuti, Coelho Neto, e Luiza Claudio de Souza, e se consagrou como escritor. O livro ganha o mundo: foi traduzido para o francês, o espanhol, o inglês e o alemão, ganhando também uma publicação em Portugal. Em 1978, o livro é adaptado para o cinema, sob a direção de Alcino Dinis, e representou o Brasil no festival de Cannes. Em 2005 volta aos cinemas, dessa vez, sob direção de Maurício Farias. E em 1994, a TV Globo exibiu na Taça Nobre uma adaptação do livro, com roteiro e direção de Guel Arraes. Sem dúvida, o romance *O coronel e o lobisomem*, foi extremamente importante para consagrar JCC como escritor, e torná-lo conhecido no meio literário.

Daí em diante assumiu vários cargos na área da educação como Serviço de Radiodifusão do Ministério da Educação e Cultura. Em 1971 publica *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*, um livro composto de mais de 150 narrativas.

No ano seguinte, 1972 lança um livro de contos *Um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos*, compostos por 144 contos curtíssimo, dividido em quatro capítulos intitulados: “Com um par de auroras e meia porção de luar faço uma canção”, “Mataram meu sonho a pau”, “Coloque um fecho eclair nas suas esperanças”, “Adeus meu capitão, que as sereias guiam teus mares”, são contos que contam histórias cômicas e absurdas do “povinho brasileiro”: funcionários públicos que querem se dar bem; malandros que querem se casar com viúvas ricas; maridos que planejam sua própria viuvez; mulheres especializadas em “perder” marido em troca de polpudas pensões; pais de santo que dizem cobrar mais caro por só trabalhar com urubu baiano amamentado com leite de cabra, em vez de galinha preta; cartomantes que querem dar o golpe; políticos que querem esconder seus podres a qualquer custo; velhos apaixonados; falsos cegos e aleijados e muitos outros casos embaraçosos que fazem o leitor se divertir. Essas histórias em sua maioria acontecem em cidades pequenas, com nomes bizarros, que deixa o livro ainda mais singular. Nina, fala que os contos de JCC são fruto de um “Brasil profundo, que nasce dos grotões da realidade, do cotidiano das pequenas cidades, suas gentes, seus mistérios, as manias, as loucuras, os crimes e as supressas mais” (NINA, 2000p. 26).

Ainda no mesmo ano, 1972, JCC publicou a coletânea de entrevistas *Ninguém mata o arco-íris*. Em 1974 passa a ocupar a 31 cadeira na Academia Brasileira de Letras sucedendo o poeta Cassimiro Ricardo. Ainda nesse ano, publica o livro *Menequinho e anjo de procissão* encomendado pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral, nele José Cândido reúne alguns contos que já havia publicado em jornais e em outros livros.

Em 1975 exerce o cargo de presidente do Conselho Estudantil da Cultura e do Estado do Rio de Janeiro. De 1976 a 1981, foi presidente da Fundação Nacional de Arte. De 1982 a 1983 foi presidente do Instituto Municipal do Rio de Janeiro. Em 1979, publicou *Se eu morrer telefone para o céu*. A editora José Olympio em 1984, reúne esses dois livros, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon e Um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos*, em um só, ao qual dá o nome de *Os mágicos Municipais*. José Cândido de Carvalho, morreu no dia primeiro de agosto de 1989, aos 75 anos, deixou inacabado o romance *O rei Baltazar*.

José Cândido de Carvalho foi um grande escritor, e jornalista. Sua carreira como jornalista contribuiu muito para suas criações, uma vez que, além de observar, e vivenciar diversos casos, o autor também durante o tempo em que trabalhou como redator, compilou milhares de cartas, que recebia de seus leitores no período que trabalhava na revista O Cruzeiro. A partir desses recursos, as conversas, as cartas e todas tradições de um povo, e suas observações, deixou registrado em seus contos e crônicas as histórias do “povinho brasileiro”, formando um mosaico de um Brasil profundo, como afirma o escritor e crítico literário Miguel Sanches Neto(2008) citado por Nina (2011):

O homem que escreve é alguém atento à conversa de mesa de bar, porta de livraria ou balcão de farmácia, por isso algumas dessas narrativas são meteóricas, como um comentário avulso que e ouve de um amigo, mas funciona no conjunto, pois o que o autor apresenta é o retrato fragmentário de um Brasil profundo. (NINA, 2011, p. 23)

Esse Brasil profundo, representa as figuras cômicas, personagens pícaros, autênticos que representam a geração que o autor presenciou ao logo de sua vida, que ajudam a compor um perfil de escritor ligado as suas origens simples e interioranas.

Esse perfil de descrever os problemas e característica de um povo e mundo o qual vivia, presentes na obra de José Cândido de Carvalho pertencem a linha de romances chamada de Regionalista, que surgiu em 1945, na terceira fase no Modernismo, e que se caracteriza por se manter num cenário de denúncia das circunstâncias socioeconômica, e também de uma inovada linguagem. Embora os textos do autor tenham sidos escritos após esse período, encontramos fortes marcas do Regionalismo em sua obra.

Em *Um ninho de Mafagafes cheio de mafagafinhos*, José Cândido de Carvalho nos proporciona uma leitura agradável, cheias de boas risadas. Para isso o autor utiliza vários artifícios, sempre contando casos de pessoas que querem se dar bem às custas dos outros, geralmente em cidades pequenas onde todos ficam sabendo de tudo. São histórias curtas, mas que exigem uma certa habilidade com a leitura, já que o autor brinca muito com as palavras, principalmente quando se refere a nomes de lugares e pessoas.

O título do livro, *Um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos*, já causa estranhamento ao leitor. O que seria Mafagafes?! Será que se trata de uma ave, já que está em um ninho? O título criado pelo autor é diferente, desconhecido, já que não encontramos seu significado no dicionário, trata-se de um trava-língua. Só chegamos um a certo entendimento do que possa ser seu significado após ler a obra. O título sugere que um “Um ninho” pode estar associado ao Brasil e “cheio de mafagafinhos”, se refere ao povo brasileiro, aspecto reiterado no subtítulo da obra: “Contados, astuciados, sucedidos e acontecidos do povinho brasileiro”, dessa forma, Cândido assinala a tradição oral e popular. Assim, José Cândido deu uma significativa contribuição para a cultura brasileira, ao resgatar em sua obra a tradição dos contadores de casos para a literatura.

No que se refere a linguagem, podemos dizer que se trata de uma linguagem pitoresca, muitas vezes fora do comum, o que torna a obra singular. O jornalista e escritor Marcelo Moutinho (2011) fala que José Cândido nessa obra utiliza diversas variedades de linguagem “ora pitorescas, ora populares desenha uma reveladora caricatura daquele que, com afeto chamava “povinho brasileiro”.

Logo no início do livro, após o sumário, há um trecho chamado “personagens de nomes estrambóticos deste livro”, justamente dedicado a esses nomes fora do comum, entre eles encontramos “Abilitrício Teles, Alcebiláquio Castanho, Cacimblida Saquarema, Xénxem Brito, Oniocretes Peixoto e muitos outros, esses nomes muitas vezes se assemelham com as características de seus donos. Os nomes dos personagens, assim como os contos, já se constituem por serem uma característica da comicidade do autor. O Próprio título do livro, “*Um ninho de Mafagafes cheio de mafagafinhos*”, um trava-língua, os títulos dos contos são outra atração, muita das vezes o autor utiliza-se dos saberes populares e provérbios para construí-los, como o exemplo “Toda honestidade tem sua fita métrica”; “Em Rio de piranha macaco bebe água de canudo”; “Gato com asa não mia”; “Uma figa só não faz verão”.

Também é notável, que as histórias narradas nos contos, normalmente acontecem em cidades pequenas, nas quais toda novidade que sucede circula rapidamente entre a população como mostra o trecho a seguir:

Ficou na cadeira de balanço, enquanto sua arteriosclerose corria, como lacraia pelos corredores, entrava nos quartos e pulava pelas janelas, de modo a cair nos ouvidos de uns e outros. De noite, a pensão Chique já sabia inteirinha que Ataíde Cunha, das Rendas Mercantis, estava atacado de malukeira. (CARVALHO, 2011, p. 177)

Os contos que escolhemos para análise foram: “Sucuri de letra de forma”, “Se a vida acabou compre outra” e “Herói atolado em carne-seca e lombo de porco” através deles procuraremos expor críticas inseridas nesses contos, que são revelados pelo recurso humorístico, além de identificar os aspectos cômicos presentes nessas narrativas, e por último relacionar as questões sociais inseridas nos contos com atual realidade de nosso país.

Ainda pretendemos mostrar a figura do malandro e pícaro presentes nos contos escolhidos, mostrando suas características e pontuando como cada um se comporta dentro dos contos, para isso utilizamos estudos sobre o malandro e o pícaro de Antônio Cândido (1970) e Mario González (1988).

Por fim, procuramos organizar nosso trabalho em duas etapas, primeiro um capítulo intitulado “*Sobre o riso*”, que procura discutir os estudos que embasam nossa pesquisa, e por último, o capítulo “*Por trás dos contos*” que analisa os aspectos cômicos nos contos, além de identificar a figura do malandro presentes nos mesmos. E para concluir, uma breve abordagem sobre as críticas sociais inseridas nos contos acerca da conduta do povo brasileiro, fazendo uma comparação dos malandros José Cândido de Carvalho presentes nos contos com o da atual sociedade.

1. SOBRE O RISO

Quando se fala em riso, é quase impossível encontrar uma definição precisa para esse fenômeno, uma vez que ele se manifesta de várias formas em toda a sociedade, para exprimir várias sensações. Bergson em *O Riso* (2007) fala que dificilmente encontraremos uma definição precisa para o riso, mas é importante saber que ele está inteiramente ligado a vida, ao ser humano, uma vez que, o homem é o único animal capaz de rir.

Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano. Uma paisagem pode ser bela, graciosa sublime, insignificante ou feia; nunca será risível. Rimos de um animal, mas por termos surpreendido nele uma atitude humana ou uma expressão humana. Rimos de um chapéu; mas então não estamos gracejando como pedaço de fletro ou de palha, mas com a forma que os homens lhe deram o capricho humano que lhe serviu de modelo. (BERGSON, 2007, p. 2, 3)

Ou seja, só será cômica uma determinada situação se ela estiver relacionada a figura humana, quando por ventura rimos de um objeto, ou até mesmo de um animal, é que neles vemos algo que é humano.

O riso é universal, pois esteve e está presente em todos os tempos e âmbitos da sociedade, embora a depender da época e da cultura possa adquirir valores diferentes, mas sempre vai estar em todos os domínios. Dessa forma, o que é risível em uma determinada localidade ou época não necessariamente pode ser para outra, assim como afirma Jolles:

Em certas épocas, os chistes ganha formas e gêneros artísticos de nível mais elevados, ao passo que, em outras épocas, tem que contentar-se em ser popular, na acepção mais lata do termo. Mas sempre que o chiste é popular, a sua espécie e sua maneira caracteriza a raça o povo, o grupo e o tempo de onde procede, a sua espécie diferentes; (JOLLES, 1976, p. 205)

O riso é, assim, um fenômeno e sócio-cultural, vejamos agora três diferentes reflexões sobre o cômico que procuram explicar seu funcionamento.

1.1. O cômico como ajuste social

O riso é uma importante ferramenta de poder, uma já que, quando fazemos alguém rir demonstramos poder e superioridade sobre aquele de quem se rir e do que se rir. Aquela de que

rimos, muitas vezes, sente-se oprimido, envergonhado. De tal modo que, o riso passa ter a função de corrigir e moldar a sociedade: “O riso é essa correção. O riso é certo gesto social que ressalta e reprime certa distração especial dos homens e dos acontecimentos”. (BERGSON, 2007, p. 2, 3), portanto quando somos gozados por alguém sentimos a necessidade imediata de nos enquadrar as normas que a sociedade impõe.

Bergson na sua obra, *O Riso* (2007) procura defender o riso como algo puramente social, que tem a função de corrigir e moldar os membros da sociedade e romper com o véu de sua distração. Para o filósofo, o riso é algo propriamente humano, e sempre em grupo, não é possível desfrutar do cômico quando estamos sozinhos, isolados, por isso podemos dizer que o riso tem uma significação social.

Para o autor, o riso acontece quando nos deparamos com uma situação do “mecânico calcado no vivo”, ou seja, alguém agindo automaticamente, como um objeto sem vida. A situação também não pode gerar compaixão, piedade, tristeza ou qualquer variedade de emoção que aproxime o observador daquele que era seria teoricamente o alvo do risível, não será possível rir, pois a emoção predominará e o riso não seria possível, dessa forma, para que a situação seja cômica é necessário a insensibilidade do espectador.

O autor coloca o mecânico ou a repetição como aspecto central do cômico. Quando o indivíduo rompe com a trama social na qual está inserido, essa situação pode leva ao riso do outro, ou seja, à medida que a pessoa foge do que é tido como padrão ela passa a ser vista como um desvio, e é esse desvio que vai ser a causa do riso. Outros exemplos que podem causar a comicidade é a imitação que é uma manifestação comum do nosso cotidiano, assim como também a repetição de um mesmo gesto que o personagem cômico realiza.

Henri Bergson procura destacar três tipos de comicidade: de palavras, situação e caráter. A de palavra acontece quando há manifestações do cômico sem gestos ou características físicas, mas onde o contexto vai desencadear fatores que tornem a situação cômica, isso acontecerá através dos jogos infantis que ele apresentará o prazer gerado pelas palavras. Como exemplo ele cita a caixa de surpresas que é uma caixa que quando aberta um boneco de mola sai e fica balançando a cabeça no vem da mola que o sustenta, ele utiliza-se desse exemplo para explicar que a repetição pode ser cômica quando representa um jogo de elementos morais, símbolo por sua vez de um jogo material.

Outro exemplo citado pelo autor são os fantoches e seus cordões que, assim como esses brinquedos, as pessoas também muitas vezes, são manipuladas por forças exteriores e são condicionadas a fazerem o que não desejam e essa situação também pode ser cômica. E

por último ele traz a bola de neve que representa os acontecimentos que cada vez mais vai tomando uma proporção maior com relação ao seu original.

Na comicidade situacional, há três possibilidades de classificações, a primeira é a repetição que são situações que se repetem várias vezes, atrapalhando o curso natural da vida, a segunda é a inversão que pode ser definida como marca do mundo às avessas e por última interferência das séries que pode ao mesmo tempo pertencer a duas séries de acontecimentos absolutamente independente e interpretadas ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes.

O autor ainda faz referência à comicidade de caráter, que mostra que o cômico pode ocorrer também em situações em que o indivíduo tenha ou não falhas de caráter, o caráter não é o único fator gerador do riso, pois o mesmo acontece na conjunção de dois fatores, a insociabilidade da personagem e a insensibilidade do observador.

1.2.O riso libertador

Outro importante texto teórico sobre o riso foi *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*, (1977) de Freud, o qual define o chiste como um alívio de tensões, ou seja, o riso serve para dar vazão a conteúdos reprimidos no inconsciente, que não podiam ser ditos abertamente na sociedade, assim, os chistes acabam por revelar os desejos e expressões do inconsciente através de palavras carregadas de sentido.

Freud procura diferenciar o cômico do chiste, o cômico pode ocorrer de forma individual, nos chistes, haveria uma necessidade de contá-lo a alguém, pois ele não se realiza sozinho, e só se conclui com a comunicação da ideia a alguém. Dessa forma, encontramos três pessoas na estruturação do chiste: o autor (aquele de quem vem o chiste); a segunda pessoa (sobre quem o chiste trata ou seu objeto); e a terceira pessoa (aquela que o escuta). É necessário, portanto, destacar que desses três indivíduos, o único que não sente prazer, que provavelmente não vai rir do chiste, é a segunda pessoa, uma vez que, ela é o “objeto”, o motivo para que o chiste acontecesse.

O riso é mais viável a terceira pessoa, já que é ela quem vai escutar, é quem vai ser comunicado o resultado do chiste. Para que o riso advenha, também é preciso uma sintonia entre a primeira pessoa que é o autor, e terceira pessoa, o receptor. É importante entender que um chiste só pode ser compreendido dentro de uma situação a qual todos os participantes saibam o que está sendo exposto. A obtenção do prazer está diretamente ligada à capacidade

de compreensão dos interlocutores e um ambiente propício para que ele se manifeste plenamente.

Freud, no decorrer do seu livro, vai apresentar várias técnicas para a formação de novos chistes, que acontecerá através das palavras que tem o poder de inverter sentidos a depender de seu autor, aquele que representa a primeira pessoa na construção do chiste.

As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas. Há palavras que, usadas em certas conexões, perdem todo seu sentido original, mas o recuperam em outras conexões. (FREUD, 1977, p. 49).

Freud explica que existem dois tipos de chiste, os tendenciosos e os inocentes, o chiste tendencioso serve como um objetivo, a busca do prazer nesse caso não é prioritária, já que, outras razões estão por trás do chiste. O chiste tendencioso requer a presença de três pessoas, a que faz o chiste, a segunda que é tomada como objeto da agressividade hostil, sexual e uma terceira na qual se cumpre o objetivo do chiste de produzir prazer. O chiste tendencioso pode ser entendido como um recurso social de obtenção de determinados objetivos através do prazer, ou seja, o chiste nesse caso é usado como um “disfarce”, para que se consiga algo que não poderia obter-se caso fosse utilizado o raciocínio lógico. Há o prazer, mas também um objetivo a ser atingido.

No caso de um chiste tendencioso o prazer procede da satisfação de um propósito cuja satisfação, de outra forma, não seria levada a efeito. O fato de que uma tal satisfação seja uma fonte do prazer não requer ulterior comentário”. (FREUD, 1977, p. 139)

Dentro da categoria do chiste tendencioso podemos encontrar subclasses como a *smunt* ou chiste obsceno, que tem como característica a “(...) Intencional proeminência verbal dos fatos e relações sexuais”. (FREUD, 1977, p. 117) a qual, na maioria das vezes é voltada para a mulher e pode ser equiparado a tentativas de sedução.

O chiste tendencioso cínico está ligado à libido, o desnudamento criado pelo *smut*, a explicitação da sexualidade antes encoberta pela sociedade gera estímulo visual na imaginação daquele que ouve o *smut*. Isso faz com que o receptor tenha acesso ao chiste que está em seu pensamento. Portanto, o sujeito se vê dentro da ação. Nessa perspectiva, os chistes tendenciosos cínicos são aqueles que rejeitam o respeito às instituições e verdades em

que o ouvinte tem acreditado, de um lado, reforçando o argumento, mas, por outro lado, praticando uma nova espécie de ataque.

Outra categoria é a dos chistes inocentes, que são aqueles que causam um efeito moderado ao sujeito:

(...) O agradável efeito dos chistes inocentes é em regra um efeito moderado; um nítido sentido de satisfação, um leve sorriso, é tudo o que em geral podem obter de seus ouvintes. (...) um chiste não tendencioso dificilmente merece a súbita explosão de riso que torna os chistes tendenciosos assim irresistíveis. Já que ambos os tipos podem ter a mesma técnica, podemos suspeitar de que os chistes tendenciosos, em virtude de seu propósito, devem ter fontes de prazer disponíveis, às quais os chistes inocentes não teriam acesso. (FREUD, 1977, p.116).

Para Freud não existe um chiste que seja completamente inocente, apenas as crianças são capazes de obterem o prazer pelo prazer, os adultos não têm a capacidade de produzir um chiste absolutamente inocente. Então Freud usa essa nomenclatura para analisar os chistes que não tenham nenhuma intenção nele.

Todavia, o estudo da psicogênese dos chistes nos ensinou que o prazer em um chiste deriva do jogo com as palavras ou da liberação do *nonsense*. Determina que o significado dos chistes pretende simplesmente proteger o prazer contra sua supressão pela crítica. Então mesmo o chiste tendo sua estrutura lógica mutilada, eles não vão gerar desconforto naqueles que ouvem, pelo contrário, geram prazer. Isso se dá pelo fato da descoberta, algo familiar que é resgatado de nossa memória, como mostra o trecho do livro a seguir:

(...) algo de familiar é redescoberto, onde poderíamos, pelo contrário, esperar algo de novo. A redescoberta do que é familiar é gratificante e mais uma vez não nos é difícil reconhecer esse prazer como um prazer obtido pela economia, relacionando-o à economia na despesa psíquica”. (FREUD, 1977, p.143)

Essa “redescoberta” pode estar associada a algo vivido na infância como também a episódios de nosso cotidiano, onde procuramos prazer ao recriar fatos e situações. “A necessidade sentida pelos homens de derivar prazer de seus processos de pensamento está, portanto, criando constantemente novos chistes baseados nos novos interesses do dia” (1977, p.146).

O chiste é uma importante ferramenta no contexto social, uma vez que, o riso está entre as expressões do estágio psíquico mais contagioso, pois quando se faz uma pessoa rir,

contando-lhe seu chiste, estará utilizando-a para provocar seu próprio riso. Diante disso, a forma de como se prolifera ao contar um chiste, para outra pessoa, nos proporcionará a certeza de que a sua elaboração foi bem-sucedida, além de completar seu prazer pela reação que provoca em outra pessoa.

Um aspecto que, segundo Freud aproxima o chiste do inconsciente é o fato de que o chiste não está disponível em nossa memória quando necessitamos dele; eles aparecem involuntariamente, em pontos de nosso curso de pensamento. Essa característica pode ser um indicativo de que um chiste pode originar-se do inconsciente

1.3. A ambivalência do cômico

Outro autor que se preocupou com os estudos sobre o riso foi André Jolles, que dedicou um capítulo de seu livro, *Formas Simples* (1976), para tratar do assunto. Jolles diz que o chiste é algo que sempre vai estar em ascensão na vida e na literatura, embora a depender da época e da cultura possa adquirir valores diferentes, mas sempre vai estar em todos os domínios.

Para esse teórico o cômico é o desenlace espirituoso na linguagem, na lógica, nas situações, no caráter e nas coisas, ou seja, “é a forma que desata as coisas, que desfaz nós”. (JOLLE, 1976, p. 206). Na linguagem um exemplo é o jogo de palavras, a palavra pode ser empregada em um determinado contexto sem possuir o seu sentido original, mas com o mesmo som, obtendo assim o duplo sentido. Esse desenlace também pode acontecer na lógica:

“(...) basta interromper uma sucessão, substituir um membro por outro, saltar de uma lógica para outra, e obter-se-á um resultado que adquirir a forma espirituosa em virtude do seu caráter de contra-senso, de contradição, de imprevisto. ” (JOLLE 1976, p. 207)

O chiste vai ser fruto da inconveniência, a lógica quebrada vai gerar o absurdo, e é essa inconveniência que vai causar o desenlace das regras prescritas pela sociedade e pelos bons costumes. Quando o chiste desfaz o repreensível a partir de sua insuficiência, ele recebe o nome de zombaria, são duas as formas que constitui esse procedimento, a sátira e a ironia. A sátira é a zombaria ao objeto que se repreende, que nos é estranho, já a ironia é a troça do que repreende, “A sátira destrói, a ironia ensina. ” (JOLLE, 1976, p. 211).

Assim como Freud, Jolles também acredita que o chiste pode nos proporcionar o alívio de nossas tensões. Quando o cômico e o chiste passam a ter a função de desanuviar uma tensão na vida e no pensamento, já não pode ser visto como uma zombaria, mas como gracejo, pois proporciona a libertação do espírito e a liberação de tensões. Dessa forma, o chiste passa a despenhar duas tarefas a de “desfazer um edifício insuficiente e desafoga uma tensão.” (JOLLE, 1976, p. 213).

2. POR TRÁS DOS CONTOS

O humor é marca registrada na obra de JCC, o riso fácil sempre advém, seja de seus personagens estrambólicos, na sua maioria anti-herói, ou de sua linguagem bem articulada, do cenário, ou das próprias histórias, o humor sempre vai estar presente fazendo com que o leitor fique preso à leitura.

Para tornar a obra cômica JCC, utiliza vários artifícios como uma linguagem pitoresca, cheia de palavras incomuns ou o uso incomum de palavras comuns. Como mostra o trecho a seguir:

E houve um pau feio e firme em Santo Antônio das Trovoadas acompanhado de tiros e facadas. O aleijado Fifi de Peres, que vivia de angariar esmolas na porta da igreja de Nossa Senhora do Rosário, à mão direita da praça da Pólvora, pegou uma reata de pé para deixar para trás o relâmpago mais feroz. (CARVALHO, 2011, p. 53)

Nesse trecho José Cândido de Carvalho, de forma criativa, brinca com a linguagem, por exemplo, o nome da cidade e da praça, “Santo Antônio das Trovoadas” e “praça da Pólvora”, caracteriza a situação do conto, no caso, uma briga feia. Ainda nesse trecho, notamos que para enfatizar a suposta “briga”, JCC utiliza palavras para provar ao leitor que realmente a situação era “perigosa”, como “pau feio”, “tiros e facadas”, “Pólvora”, “relâmpago mais feroz”. Essa forma que o autor utiliza a linguagem para descrever a situação é o que provoca o humor na história.

De acordo com os estudos de Freud, 1977, a palavra tem essa flexibilidade, de ser moldada, de adaptar-se as necessidades de seu autor, como mostra o trecho a seguir:

As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas. Há palavras que, usadas em certas conexões, perdem todo seu sentido original, mas o recuperam em outras conexões. (FREUD, 1977, p. 49).

Sem dúvida, a linguagem utilizada por Cândido é seu principal mecanismo de humor, a forma de como ele as constrói, molda, faz parte de um estilo próprio do autor.

Outro aspecto cômico que encontramos no livro *Um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos*, é o fato de os contos serem curtíssimos, porém, apesar de serem pequenos, têm uma grande significação, ou seja, dizem muito com poucas palavras. Vimos na teoria de

Freud que a presença da brevidade é usando para englobar muito sentido em poucas palavras, como mostra o trecho a seguir:

Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas *demais*, isto é, em palavras que são insuficientes do ponto de vista da estrita lógica ou dos modos usuais de pensamento e de expressão. Pode-se mesmo dizer tudo o que se tem a dizer nada dizendo'. (BERGSON, 2007, p. 21)

A brevidade é uma característica encontrada em ambos os contos analisados, e também característica do autor, uma vez que ele escreve contos curtíssimos cheio de sentido e crítica.

Freud, 1977, mostra que muitas vezes o chistes tem uma intenção, quando o chiste tem uma intenção ele é chamado de tendencioso. Precebemos, que José Cândido de Carvalho ao escrever seus contos, tinha uma segunda intenção, além de provocar o riso, uma leitura agradável, ele pretendia fazer críticas a sociedade a qual vivia.

No caso de um chiste tendencioso o prazer procede da satisfação de um propósito cuja satisfação, de outra forma, não seria levada a efeito. O fato de que uma tal satisfação seja uma fonte do prazer não requer ulterior comentário". (FREUD, 1977, p. 139)

O chiste tendencioso pode ser entendido como um recurso social de obtenção de determinados objetivos através do prazer, ou seja, o chiste nesse caso é usado como um “disfarce”, para que se consiga algo que não poderia obter-se caso fosse utilizado o raciocínio lógico. Há o prazer, mas também um objetivo a ser atingido. Nos contos o objetivo de JCC é fazer uma crítica à cultura e a sociedade brasileira, que muitas vezes, através da astúcia e esperteza, procuram sempre se dar bem. Bergson também diz que o riso pode ter uma segunda intenção: “por mais fraco que suponham o riso esconde uma intenção de entendimento, eu diria quase de cumplicidade, com outros ridentes, reis ou imaginários(...)”, (BERGSON, 2007, p. 5)

Ainda nos contos escolhidos, observamos a marcante presença do malandro ou pícaro que segundo Mario Gonsáles:

São pseudo-autobiografia de um anti-herói que aparece definido como um marginal à sociedade; a narração das suas aventuras é a síntese crítica do processo de tentativa de ascensão social pela trapaça; e nessa narração é trapaça uma sátira da sociedade

contemporânea aquele que sempre quer se dar bem, em qualquer circunstância. (GONSÁLES, 1988, p. 42)

Os três contos que analisaremos mostra bem a figura do malandro, a personagem que sempre procura ascensão social pela trapaça, que não quer trabalhar, que quer viver às custas dos outros.

Agora analisaremos os aspectos cômicos e a figura do malandro separadamente presentes em cada um dos contos escolhidos:

SUCURI DE LETRA DE FORMA

Era feroz do bigode ao cadarço dos sapatos. Era Albernaz Feitosa de Oliveira Pontes. O charuto, montado no meio-fio da boca ameaçava deitar fogo em Sacramento. Mas o que fazia a cidadezinha pender a cabeça e ficar por trás das portas janelas era a pesada pasta que Albernaz arrastava como um canhão de peçonhento calibre. Albernaz era o primeiro a garantir, batendo a mão cabeluda no aterrador pertence:

-Por baixo destes couros tenho a vida do povinho de Sarandi de Ponte Nova. Da primeira chupetada que mamou ao último desfalque que deu nos cofres públicos. Sei de tudo! Muito sujeito que é tido como bom pai de filhos, de corrente de ouro trespassada pela pança, tem contas a ajustar com ela. É só eu querer abrir os couros para não ficar ninguém livre nesta praça de sem-vergonhas. Não vai ter cadeia para comportar tanto condenado. Prendo todo mundo, que todo mundo em Sarandi de Ponte Nova tem rabo de ratão velho dentro dos couros de minha pasta. A verdade é que Sarandi tremia nos cascos ao ver o charuto de cara feia de Albernaz passar em cima de sua negra pasta. E por tremer assim de maleita terça é que fazia tudo que Albernaz queria e muito bem inventava. Albernaz pegava a pasta dava entrada na Papelaria Moderna e dizia ao velho Chiquinho Cruz:

- Seu Chiquinho, diga ao povo da Associação dos Varejistas estou carecido de lavar o baço em Poças de Caldas, pelo que peço as devidas providências para minha pessoa pagar hotel condigno e hospedagem fidalga naquela praça de águas medicosas. Dou dois dias para a deliberação. Só dois! Logo, sem perda de tempo, o dinheiro saía das gavetas e a pasta de Albernaz Feitosa de Oliveira Pontes desaparecia por um par de meses. E assim, de ameaça em ameaça, varou Albernaz o tempo por baixo da fumaça do charuto e montado nos couros da denegrida pasta. Quando alguém duvidava da documentação nela contida a sete chaves, havia sempre uma boca aconselhativa para advertir:

-Não catuca onça-pintada com vara curta, homem de Deus! Até que uma tarde, ao atravessar a rua do Cravo, um boizinho desgarrado, sem respeito por Albernaz e sua devastadora pasta, varejou com ele em distância de mais de quatro metros. Albernaz voou de bem-te-vi e foi cair bem no centro da Barbearia Almeida. O pessoal do corte, diante daquele disparate, sustou o trabalho das navalhas e tesouras para ver, espantado, o derrame de Tico-Tico e almanaques de farmácia que a boca da pasta expelia no chão da Barbearia Almeida. Era o fim de Albernaz Feitosa de Oliveira Pontes, surucucu de Tico-Tico, cascavel de almanaque de farmácia! (CARVALHO, 2011, p.55)

Em “Sucuri de letra de forma”, o protagonista, Albernaz Feitosa de Oliveira Pontes, faz uso de uma mala, a qual afirma ter documentos com todos os “podres”, da cidade, para conseguir tudo que deseja do povo da cidade na qual vivia, principalmente dos políticos e da

burguesia. Albernaz assustava toda a população da cidadezinha de Sarandi de Ponta Nova, dizendo que iria revelar os segredos de todo aquele povo, e com isso, todos os seus desejos eram cumpridos, já que o povo daquela cidade também tinha, como dizia o próprio Albernaz, “rabo de ratão velho preso dentro dos couros da minha pasta”. Albernaz representa a figura do malandro, uma vez que, utiliza-se dos segredos do povo daquela cidade para conseguir o que deseja, uma vida cheia de mordomia. Nesse conto notamos que o povo que era ameaçado pelo malandro Albernaz também tinha “culpa do cartório”, por isso temiam Albernaz. Ou seja, aquele povo que aceitava as condições de Albernaz, também tinha um tanto de malandragem, já que preferia ceder às ameaças do protagonista para continuar agindo de forma ilegal.

Referente aos aspectos cômicos presentes nesse conto, o que mais chama a atenção é a linguagem bem articulada como mostra o trecho, “Mas o que fazia a cidadezinha pender a cabeça e ficar por trás das portas janelas era a pesada pasta que Albernaz arrastava como um canhão de peçonhento calibre. ” (CARVALHO, 2011, p.55). As palavras usadas pelo autor para caracteriza a pasta, “um canhão de peçonhento calibre” mostrava seu “ poder” de destruição sobre a população daquela cidade. Já que todos a temiam, pois acreditavam que nela existiam importantes provas das mazelas daquela população. A forma de como JCC, descreve as situações, “que fazia a cidadezinha pender a cabeça e ficar por trás das portas janelas”, “canhão de peçonhento calibre” é o que torna a obra risível.

Ainda nesse conto, outro aspecto cômico que encontramos é a caracterização da personagem Albernaz Feitosa, “Era feroz do bigode ao cadarço dos sapatos. Era Albernaz Feitosa de Oliveira Pontes. O charuto, montado no meio-fio da boca ameaçava deitar fogo em Sacramento”, (CARVALHO, 2011, p.55). Primeiro o que chama a atenção nesse trecho é o deslocamento que JCC faz ao descrever Albernaz Feitosa, “Era feroz do bigode ao cadarço dos sapatos”, já que, normalmente utilizamos a frase “Era feroz dos pés à cabeça”, mais uma vez notamos o recurso linguístico para provocar o humor. Também é cômico a caricatura de Albernaz Feitosa como homem sério de respeito, que todos temem, mas que na verdade não passa de um charlatão. Além disso o filósofo Bergson afirma que “É cômico todo incidente que chama a tenção para o físico de uma pessoa quando o que está em questão é a moral” (BERGSON. 2007, p. 38). Nota-se que é justamente um deslocamento que se verifica na descrição de Albernaz Feitosa, já que sua aparência física não condiz com sua conduta.

Também é evidente nesse conto a crítica feita a comportamento da política e a burguesia da cidadezinha de Sarandi de Ponte Nova, uma vez que, o protagonista, Albernaz Feitosa, critica a conduta dos mesmos quando se refere ao desfalque aos cofres públicos e a

farsa da burguesia como a “correta”. Os trechos a seguir mostram bem as críticas feitas pelo autor:

-Por baixo destes couros tenho a vida do povinho de Sarandi de Ponte Nova. Da primeira chupetada que mamou ao último desfalque que deu nos cofres públicos. Sei de tudo! Muito sujeito que é tido como bom pai de filhos, de corrente de ouro trespassada pela pança, tem contas a ajustar com ela. É só eu querer abrir os couros para não ficar ninguém livre nesta praça de sem-vergonhas. (CARVALHO, 2011, p.55)

Também é notável que a pasta era apenas um símbolo, como o próprio final do conto expõe que ela estava vazia, é claro que Albernaz Feitosa não tinha prova de nada nessa pasta, ele apenas desconfiava dos malfeitos daquele povo, e utilizou da pasta para aproveitar-se do “rabo preso” daquelas pessoas para dar o golpe, ou seja, ele acusa sem ter a certeza, e todos vestem a carapaça, a trapaga se fundamenta na corrupção daquelas pessoas.

O próximo conto que analisaremos será “Se a vida acabou compre outra”:

SE A VIDA ACABAR COMPRE OUTRA

Deixou o Jornal em cima da mesa e disse:

- Vim do Dr. Famalição Azerado. O Dr. Famalição garante que estou com arteriosclerose. E das bem adiantadas, dessas que estão com a boquinha aberta para comer o padecente.

Ficou na cadeira de balanço, enquanto sua arteriosclerose corria, como lacraia pelos corredores, entrava nos quartos e pulava pelas janelas, de modo a cair no ouvidos de uns e outros. De noite, a pensão Chique já sabia inteirinha que Ataíde Cunha, das Rendas Mercantis, estava atacado de maluqueira. Sepúveda Barbalho, hóspede de carreira da Pensão Chique, aposentado por uma bala na Revolta Armada, que lia bula de remédio e vivia botando a língua de fora na frente dos espelhos, ao saber arteriosclerose de Ataíde, falou ao meio-pau para os pensionistas:

-É negócio grave. É bom não contrariar o Ataíde. Pode ter um acesso e fazer bobagens. Fabilôncio Canabrava, caixeiro da antiga casa dos panos, comeu na peixeira a família dos Neves. Arteriosclerose é um perigo. Repito. É um perigo! De repente, na Pensão Chique, ninguém queria mais contrariar Ataíde. O melhor bife era para ele, e a melhor cadeira para Ataíde era. Começou a ter um vidão. Vez por outra, telefonava para a Pensão Chique relatando as maluquices de Ataíde:

- Quebrou uma barbearia agora mesmo na rua da Conceição só porque o barbeiro errou na marca da loção. Esse Ataíde é fogo nos móveis e utensílios!

De noite, em conversa de sala de visitas, Ataíde confirmava o fato, rememorava os murros que deu nos chifres de um sujeito que errou a marca de sua loção. A Pensão Chique tremia das telhas à despensa. O dono de estabelecimento, o velho Aragão Monteiro, reclamava:

- É bom não contrariar Ataíde. Pode ficar maluco.

No fim de um domingo, estando a arrumadeira Aninha de Melo em serviço de limpeza, foi convidada por Ataíde para uma conversa no escondidinho do quarto. A moça, que tinha um caráter muito bonito da cintura para baixo, quis gritar, Ataíde botou a mão no peito e ameaçou:

- Vou ter um negócio! Vou morrer agora mesmo!

Rapidinha, a moça permitiu ser tocada para o quarto, de onde só saiu no dia seguinte, para voltar de noite e sair de madrugada. A doença de Ataíde durou para mais de dois meses de arrumadeira. Até que uma noite, estando posto em sossego, bateu em sua porta o velho amigo Ortegal Barbalho, que veio saber que negócio de arteriosclerose era esse que andava comendo a saúde de Ataíde. E meio espantado:

- Isso pega, Ataíde?

Ataíde fechou a porta do quarto, chamou Ortegal para um canto e relatou que não andava contaminado de coisa alguma, que tudo era invencionice para viver de papo para o ar. E rindo:

- não há como ter uma doença, seu compadre! Com parte de maluco, de sujeito com um parafuso de menos, já peguei duas promoções nas rendas mercantis, disse desaforos a meio mundo, botei na cara a maior costeleta de São João de Meriti, mudei o feitio do cabelo e caí em cima de tudo que é rabo de saia que passa na alça de mira de minha arteriosclerose. Quando meu panorama de maluco ficar meio avacalhado, telefono com voz de mascarado, dizendo que Ataíde quebrou isso, que Ataíde quebrou aquilo. O pessoal da Pensão Chique bota a mão na cabeça e o velho Sepúlveda, uma gagá que vive de comer folhinha da flora medicinal, arregala os olhos e aumenta meus desmandos.

Lhe digo Ortegal, que não tem nada melhor para fazer o sujeito progredir neste país do que fama de maluco. Uma arteriosclerose bem administrada vale mais do que o Banco do Brasil. Muito mais. (CARVALHO, 2011, p. 177)

O malandro desse conto, Ataíde Cunha, personagem que depois de uma consulta com Dr. Famalição Azevedo anuncia na pensão onde mora que está com arteriosclerose, e a notícia corre rapidamente.

Ficou na cadeira de balanço, enquanto sua arteriosclerose corria, como lacraia pelos corredores, entrava nos quartos e pulava pelas janelas, de modo a cair no ouvidos de uns e outros. De noite, a pensão Chique já sabia inteirinha que Ataíde Cunha, das Rendas Mercantis, estava atacado de maluqueira. Sepúlveda Barbalho, hóspede de carreira da Pensão Chique, aposentado por uma bala na Revolta Armada, que lia bula de remédio e vivia botando a língua de fora na frente dos espelhos, ao saber arteriosclerose de Ataíde, falou ao meio-pau para os pensionistas:

-É negócio grave. É bom não contrariar o Ataíde. Pode ter um acesso e fazer bobagens. (CARVALHO, 2011, p. 177)

Depois de toda pensão achar que Ataíde estava louco devido a sua arteriosclerose, todos começam a tratá-lo de forma diferenciada, ninguém queria contrariar o doente, com medo que ele surtasse, então toda pensão começou a agrada-lo de todas as formas, o melhor pedaço de bife, o melhor lugar na mesa, até a pobre da camareira teve que ceder as vontades do velho Ataíde. Um certo dia o protagonista recebe a visita de seu amigo, Ortegal Barbalho, que veio saber de sua doença, Ataíde confessou que não estava com doença alguma, que sua arteriosclerose, não passava de uma invenção, para ele viver de “papo para o ar”, e ainda afirma para o amigo que “uma arteriosclerose bem administrada vale mais do que o banco do Brasil”. Nesse conto Ataíde usa da ignorância das pessoas para fingir uma doença que não existe, esse personagem representa o malandro que exige uma certa habilidade, “talento”, astúcia, esse malandro aproveita as brechas para poder agir, como por exemplo, fingir-se de

doente e de louco e até dar telefonemas simulando ter quebrado a barbearia, o malandro nesse conto age com muita esperteza.

No que se refere aos aspectos cômicos, também nesse conto encontramos a comicidade de palavras, a linguagem é o elemento essencial para prover o riso, como mostra os seguintes trechos: “(...)estou com arteriosclerose. E das bem adiantadas, dessas que estão com a boquinha aberta para comer o padecente”, “(...) sua arteriosclerose corria, como lacraia pelos corredores (...)”, “Quando meu panorama de maluco ficar meio avacalhado (...)” (CARVALHO, 2011, p. 178). José Cândido de Carvalho nesses exemplos faz uso de palavras incomuns, metáforas, comparações, tudo isso dando um toque humorístico na história.

Outra característica do cômico que causa o riso nesse texto é o chiste tendencioso cínico, que gera o riso através da explicitação da sexualidade, isso faz com que o receptor tenha acesso ao chiste que está em seu pensamento. O trecho do conto que deixa evidente o chiste tendencioso cínico é o seguinte:

(...) Aninha de Melo em serviço de limpeza, foi convidada por Ataíde para uma conversa no escondidinho do quarto. A moça, que tinha um caráter muito bonito da cintura para baixo, quis gritar, Ataíde botou a mão no peito e ameaçou:
- Vou ter um negócio! Vou morrer agora mesmo!
Rapidinha, a moça permitiu ser tocada para o quarto, de onde só saiu no dia seguinte, para voltar de noite e sair de madrugada. A doença de Ataíde durou para mais de dois meses de arrumadeira. (CARVALHO, 2011, p. 178)

Ataíde usa da sua “suposta doença”, para satisfazer seus desejos sexuais com a camareira Aninha de Melo, que com medo da “loucura” de Ataíde cede a suas vontades.

O malandro nesse conto é caracterizado por aquele que usa da ingenuidade do outro para conseguir o que deseja, ou seja, o povo da pensão em que Ataíde morava, não fazia a mínima ideia do que seria uma arteriosclerose, que é uma doença, que causa o estreitamento ou endurecimento das artérias, não uma doença mental como acreditava todo aquele povo. Por isso fazia tudo que Ataíde desejava com medo que ele surtasse e morresse. Nesse caso Ataíde fazia o povo da pensão de bobo. Ataíde os manipulava como um fantoche, fazendo com que os moradores daquela pensão fizesse o que ele desejava, o filósofo Bergson chama a atenção esse personagem que tende manipular o outro para seu próprio benefício: “Por um instinto natural, e porque se prefere, pelo menos em imaginação, enganar-se a ser enganado, é do lado dos trapaceiros que se põe o espectador.” (BERGSON, 2007, p. 57)

Cibinático Feijó, que morreu atropelado por uma feijoada de fim de semana, fez carreira e fortuna e cima de uma única e jamais esquecida bebedeira. Aconteceu certa noite no bar Alvorada, na hora em que Cibinático, depois de estilhaçar duas prateleiras de variadas garrafas, foi para a porta do estabelecimento e falou com voz empapada de lacraias e escorpiões:

-Aviso que não sou mais o baixo funcionário Cibinático Feijó. Sou o Grão-vizir de Bagdá, veio dizer as verdades a respeito deste povo sem-vergonha que desonra Lavrinhas de Santo Antônio com a sua peçonha e seu gatunismo. Se o governo botar uma ratoeira boco da rua do poço não fica ninguém soute, que só tem rato velho em Cibinático.

E Cibinático Feijó, encadernado em Grão-vizir de Bagdá soltou a língua que foi um destempero. De ladrões e gatunos fez a festa. Vez por outra, avisava:

- E Ainda não chegou o sultão da Arábia, que esse é de quebrar as prateleiras. Quando o sultão chegar, vai escorrer honra de gente como chuva na calçada. O sultão da Arábia de cor e salteado, de todos os desfalques que deram na pobre prefeitura de Lavrinhas de Santo Antônio desde 1918. Vem tudo a furo! Ninguém vai poder por esperar! Antes que o sultão de Arábia chegasse, o prefeito Bentinho Alonso rebocou Cibinático para uma conversa particular. A conversa resultou tão rendosa que Cibinático saiu dela feito direto de repartição e tesoureiro da sociedade dos Atacadista e Varejista de Lavrinhas de Santo Antônio. Recolhido o Grão-vizir de Bagdá e adiada a vinda do Sultão da Arábia. Cibinático voltou ao seu normal de bom sujeito, temente das leis e das autoridades constituídas. Vez por outra, contrariado numa pertença ameaçava fazer voltar Grão-vizir com todas as suas verdades. O Grão-vizir nem chegava a sair da garrafa, pois logo os desejos de Cibinático eram satisfeitos em moedas correntes do país. E assim viveu e prosperou de Cibinático Feijó por muitos anos até que escorregou no toucinho de uma feijoada e caiu. Quando acordou, estava mortinho como se nunca tivesse nascido.

Atolado em carne-seca e lombo de porco. Sem Grão-vizir de Bagdá e Sultão da Arábia. (CARVALHO, 2011, p.43)

Esse conto descreve a história do malandro Cibernético Feijó um simples funcionário público que depois de algumas doses de bebida alcoólica, diz encarnar grão-visir de Bagdá e sai contanto os males feitos da cidadezinha de Lavrinhas de Santo Antônio.

Cibernético Feijó como um simples funcionário, provavelmente da prefeitura, presenciava em seu trabalho todas as ilegalidades cometidas pelo prefeito, e ficava em silêncio, guardando tudo aquilo que presenciava em seu subconsciente. Quando Cibernético bebe, o efeito do álcool faz com que ele libere seus conteúdos reprimidos no seu subconsciente. Ou seja, Cibernético Feijó ao estar sob efeito do álcool libera os conteúdos que ele não poderia dizer abertamente, caso não estivesse embriagado. O filósofo Freud, explica o efeito do álcool na mente de um indivíduo: “Sob a influência do álcool o adulto torna-se outra vez uma criança, tendo de novo o prazer de dispor de seus pensamentos livremente sem observar a compulsão da lógica” (FREUD, 1977, p. 102), ou seja, quando Cibernético Feijó estava embriagado falava coisas que caso ele estivesse lúcido ele não poderia falar, pois a sociedade o repreenderia.

No que se refere aos aspectos do cômico nesse conto é a caracterização do personagem Cibernético Feijó, que quando bebe diz encarnar o Grão-Vizar de Bagdá, que é

uma figura do rei da Pérsia, exprime poder, característica essa que não compactua com o protagonista, que só consegue ter poder e coragem sob efeito do álcool.

José Cândido de Carvalho, nesse conto procura fazer uma crítica aos políticos, que muitas vezes subornam seus funcionários ou até mesmo outras pessoas para encobrir os desvios e mal feitos com o dinheiro público. O trecho a seguir mostra a conduta do prefeito no conto:

O sultão da Arábia de cor e salteado, de todos os desfalques que deram na pobre prefeitura de Lavrinhas de Santo Antônio desde 1918. Vem tudo a furo! Ninguém vai poder por esperar! Antes que o sultão de Arábia chegasse, o prefeito Bentinho Alonso rebocou Cibirático para uma conversa particular. A conversa resultou tão rendosa que Cibirático saiu dela feito direto de repartição e tesoureiro da sociedade dos Atacadista e Varejista de Lavrinhas de Santo Antônio. (CARVALHO, 2011, p. 177)

Nesse trecho percebemos que o malandro não é apenas Ataíde Feijo, que usa do que sabe para conseguir privilégio, mas também é notável a malandragem do prefeito, que compra o silêncio de Ataíde, para que ele não revele seu “podres”.

Feita as considerações sobre a comicidade e a figura do malandro nos contos, partimos, para as colocações gerais no tocante ao que foi visto em nosso trabalho, além de fazer uma ressalva sobre a crítica inserida nos contos.

CONCLUSÃO

Como foi visto ao longo de nosso trabalho, José Cândido de Carvalho foi um grande escritor e jornalista, apesar de pouco conhecido no meio acadêmico. A obra que analisamos, *Um Ninho de Mafagafes cheio de Mafagafinho*, assim como seu autor também não é muito conhecida. O livro é composto de vários contos que contam através de uma linguagem pitoresca, popular e ao mesmo tempo moderna, casos do “povinho brasileiro”, especialmente daquelas pessoas que sempre querem se dar bem às custas dos outros.

Além de oferecer ao seu leitor uma leitura agradável e divertida, *Um Ninho de Mafagafes cheio de Mafagafinho* também não deixa de lado a crítica social e política. Por trás de seus contos sempre há uma crítica, dessa forma o riso tem a função de desmascarar os desmandos da sociedade da época. Edina Poles em sua dissertação de mestrado pontua:

Os contos de José Cândido de Carvalho são verdadeiros *flashes* que camuflam, por trás do riso fácil, os tropeços de uma nação que se moderniza, do político que exemplifica a inutilidade da letra morta, da invenção de valores que colocam a loucura e o racional em xeque. (POLESE, 2005, p. 52)

Em todos os 144 contos inseridos em *Um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos*, são caracterizados por contos curtíssimos que descrevem o “povinho brasileiro”, pessoas de todas as classes, de mendigos a políticos, sempre retratando personagens que querem se dar bem a todo custo, independente das circunstâncias, pouco se importando com o próximo ou com a lei.

Dentre as várias verdades que circulam em um país de grande extensão territorial e pluralidade cultural como o Brasil, uma delas é comum em todas as regiões: o brasileiro é e sempre será visto como um malandro, o sujeito que sempre quer se dar bem, independente das circunstâncias. A malandragem brasileira é, de fato, um traço peculiar da forma de ser nacional, “o jeitinho brasileiro” para conseguir a ascensão social com pouco esforço.

Antônio Cândido em *Dialética da malandragem* (1970, p. 71) chega, ainda que brevemente, a definir o que seja o malandro: “O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo do aventureiro astucioso, comum a todos os folclores.” A esperteza, a agilidade, a capacidade de improviso são algumas das características mais marcantes do malandro, que renega o trabalho e procura viver do jogo, da trapaça, e até de pequenos furtos.

Os três contos que foram analisados apresentam três tipos de malandro diferentes: o primeiro Albernaz Feitosa, o qual, na sua pasta de couro, dizia guardar todos os segredos do

povo da cidadezinha a qual morava, mas que na verdade, ele especulava saber dos males feitos daquele povo, sua pasta não passa de uma farsa, que no final acaba sendo descoberta. O Segundo malandro, Ataíde, se aproveita da falta de saber do povo para fingir uma doença, Ataíde representa o malandro esperto, talentoso que se aproveita da ignorância do outro. E por último Cibernético Feijó, que quando embriagado ameaça a contar os “podres” do povo, esse malandro realmente sabe dos atos ilícitos feitos pelas autoridades da cidade, e usa da bebida para conseguir o que deseja. Todos os três personagens sempre procuram agir em benefício próprio.

Apesar do livro de contos, *Um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos*, ter sido dos anos 70, seu tema é bastante atual, a figura do brasileiro como astuto, esperto, sempre esteve presente, agora mais que nunca, já que o país passa por um processo de crise política, devido o problema corrupção no poder. Nos últimos meses, fala-se muito da conduta do brasileiro, muitos alegam que o “famoso jeitinho brasileiro” é uma referência à lábia, às manobras e às trocas de favores usadas por brasileiros para se darem bem a todo custo.

Quantas vezes, vivenciamos experiências e relatos de pessoas que assim como os personagens dos contos também procuraram se dar bem a partir da esperteza, troca de favores, da mentira. É comum quase todos os dias ligarmos no noticiário e vemos notícia de diplomas falsos, pessoas que subornam o guarda de trânsito para não ser multado e a até mesmo no nosso dia a dia vivenciamos situações mais comuns ainda, com falsos atestados médicos, para justificar ausências mais prolongadas no trabalho. Também é possível, sem nem mesmo sair de casa, “roubar” o sinal da TV à cabo do vizinho, sem que ele saiba, ou comprar um aparelho decodificador de sinal pela própria internet e usá-lo para sempre sem ter que pagar mensalidade.

José Cândido de Carvalho com seu jeito bem-humorado de escrever não deixa de fazer uma crítica a essa característica do brasileiro de sempre procurar vantagem em tudo. Dessa forma, concluímos que nessa obra, o riso tem uma função social de corrigir e pontuar erros da sociedade através das críticas inseridas nos contos. O riso procura corrigir quem se desvia dos costumes, das regras. Quando rimos de alguém ou de alguma situação é porque a desprezamos. “O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. O riso castiga os costumes” (BERGSON, 2007, p. 06,13).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. *José Cândido de Carvalho – literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1983.

CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem* (Caracterização das “Memórias de um sargento de milícias”). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. N. 8. Universidade de São Paulo, 1970.

CARVALHO. José Cândido de, 1914-1989 *Um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos: contos astuciados, sucedidos e acontecidos do povinho do Brasil* / José Cândido de Carvalho. – 2.ed. – Rio de Janeiro, 2011

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GONZÁLES, Mario. O romance picaresco. Mario Gonzáles. Editora Ática S.A, São Paulo, 1988.

GOTO, Roberto. *Malandragem revisitada: uma leitura ideológica da malandragem*. Campinas: Pontes, 1988.

JOLLES, A. O Chiste. In: *Formas Simples*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 205 - 216.

LETRAS DE HOJE. Porto Alegre. v . 32, nº 3, p, 15 – 28, setembro de 1997.

LEDUC, L' ESPÉRANCE. Vincent, Pierre. *Ecce Homo: O riso*. [Vídeo]. Produção de Vincent Leduc, direção de Pierre L' Espérance. O productions Coscient, 1998. 50 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=S1KFRkiMGCI>. Acesso em: 11 jan. 2016.

NINA, Claudia, 2011 – *ABC de José Cândido de Carvalho* / Claudia Nina. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

POLESE, Edna da Silva. *No mato brabo da ficção: estudo sobre José Cândido de Carvalho*. Dissertação de mestrado em Letras – Universidade Federal do Paraná. (Orientação: Marilene Weinhardt.) Curitiba, 2005.